

DE CARNE, OSSO E LUZ: CELEBRAÇÃO DO CORPO FEMININO NO ENSAIO MULHER DE CLAUDIA REGINA

Flesh, bones and light: celebration of the female body in Claudia Regina's Ensaio Mulher

CUSTÓDIO, Gabriela Pinto; Graduanda; Universidade Federal do Ceará.
gabrielapcustodio@gmail.com¹

INTRODUÇÃO

Humberto Eco (2010) diz que belo é tudo que se mostra agradável à contemplação, independente de estar ligado ao desejo, e que “aquilo que é considerado belo depende da época e da cultura”. O conceito de beleza é uma construção discursiva e cultural, variando de acordo com tempo e local.

Sentir-se bonita não é um desejo exclusivo dessa época, mas aproximadamente em 1920 “a percepção da beleza feminina tornava-se mais palpável. Os concursos de beleza, recém inventados, chancelavam essa preocupação, junto com centenas de imagens femininas que invadiam a imprensa na forma de conselhos de beleza”. (Del Priore, 2000, p. 71) Foi nesse período que a beleza passou a ser associada à juventude, à saúde e à prática de exercícios físicos, levando ao culto à imagem do corpo mais magro e à lipofobia.

Segundo Michaud (2011), vertentes da cultura popular como fotografia e ilustração, antes não reconhecidas como arte, foram importantes difusores da Beleza no imaginário das massas no século XX. O “sonho hollywoodiano”, as pin-ups e a publicidade influenciaram a crescente obsessão pela Beleza.

(...) foi tanto mais difícil de se reconhecer pelo fato de se manifestar principalmente naquilo que durante muito tempo passou como que ao lado ou ficou às margens da arte (...) Com o auxílio dos dispositivos fotográficos e cinematográficos e de seus artifícios, ela [a beleza moderna] se situa do lado da fantasia e do sonho. (idem, ibidem, p. 554)

Atualmente, com alcance dos meios de comunicação, estes são alguns dos principais difusores de conceitos de moda e beleza. A possibilidade de reproduzir fotografias em diversos suportes nos deixa em constante contato com imagens. “Foi a fotografia que trouxe consigo não apenas a possibilidade de contemplação estética do corpo em todos os seus ângulos, mas também, e sobretudo, a reprodutibilidade das imagens do corpo” (SANTAELLA, 2004, p. 128).

Nota-se a importância de investigar as relações das mulheres com imagens do corpo feminino e com a produção de fotografias. Para isso, esta

1 Estudante do 7º semestre do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).

pesquisa tem como objeto o “Ensaio Mulher”, realizado pela fotógrafa Claudia Regina, e a interação entre sujeitos durante o seu processo através da Direção Afetiva.

A pesquisa objetiva investigar como o Ensaio Mulher pode ser visto como contradispositivo², questionando os padrões estéticos hegemônicos, e como o regime de interação entre as participantes deste projeto influencia a produção de imagens para um resultado coerente com seu conceito. Como metodologia, utilizou-se a sociossemiótica, realizou-se uma entrevista semiestruturada com a fotógrafa e aplicaram-se questionários com sete mulheres fotografadas. Na entrevista, buscou-se conhecer os questionamentos pessoais e teóricos que impulsionaram o desenvolvimento do Ensaio Mulher. Com os questionários, procurou-se conhecer, dentre outros aspectos, como elas se relacionam com moda e beleza, suas opiniões sobre imagens de moda e o que incentivou a participação no Ensaio.

O ENSAIO MULHER E A DIREÇÃO AFETIVA

O Ensaio Mulher retrata as mulheres de forma “espontânea”, sem edições em softwares ou produções elaboradas, para que elas “se reconheçam” na imagem. Em seu site³, a fotógrafa disponibiliza um texto que explica o projeto, do qual se destaca o trecho:

Ao fotografar mulheres, eu não busco enquadrá-las em nenhum padrão de beleza, de sensualidade, de fotogenia. (...) Faço fotos cruas e simples, sem produção de revista e sem truque de photoshop. Quero captar uma essência de mulher. E quero que ela se reconheça com alegria nessa imagem.

Para chegar a imagens nas quais elas se reconheçam, Claudia utiliza uma técnica chamada Direção Afetiva, cujo principal elemento observado é a interação entre sujeitos durante o ensaio. Ora estimulando movimentos, ora procurando despertar sensações enquanto conversa com elas, Claudia preza por uma metodologia que faça do ensaio um momento menos desconfortável para obter imagens espontâneas.

SOCIOSSEMIÓTICA

Landowski (2014) divide os regimes de interação entre sujeitos ou entre sujeito e mundo nas lógicas de *junção* e *união*, cuja diferença é a forma de compreender o mundo. Na primeira, percebem-se e decifram-se discursos, verbais ou não. Na segunda, os actantes percebem e capturam qualidades sensíveis que são inerentes a pessoas ou objetos com que entram em contato – interessando mais à pesquisa.

O autor classifica quatro regimes de apreensão de sentido:

2 Para Agamben (2009), o dispositivo é uma relação entre um conjunto de elementos, com função estratégica concreta e inserida em uma relação de poder. Os dispositivos controlam opiniões, discursos e atitudes dos seres vivos, disciplinando-os. Para fazer frente a eles, Agamben aponta os contradispositivos.

3 Disponível em: <<http://blog.claudiaregina.com/ensaio-mulher>>. Acesso em 5/9/14.

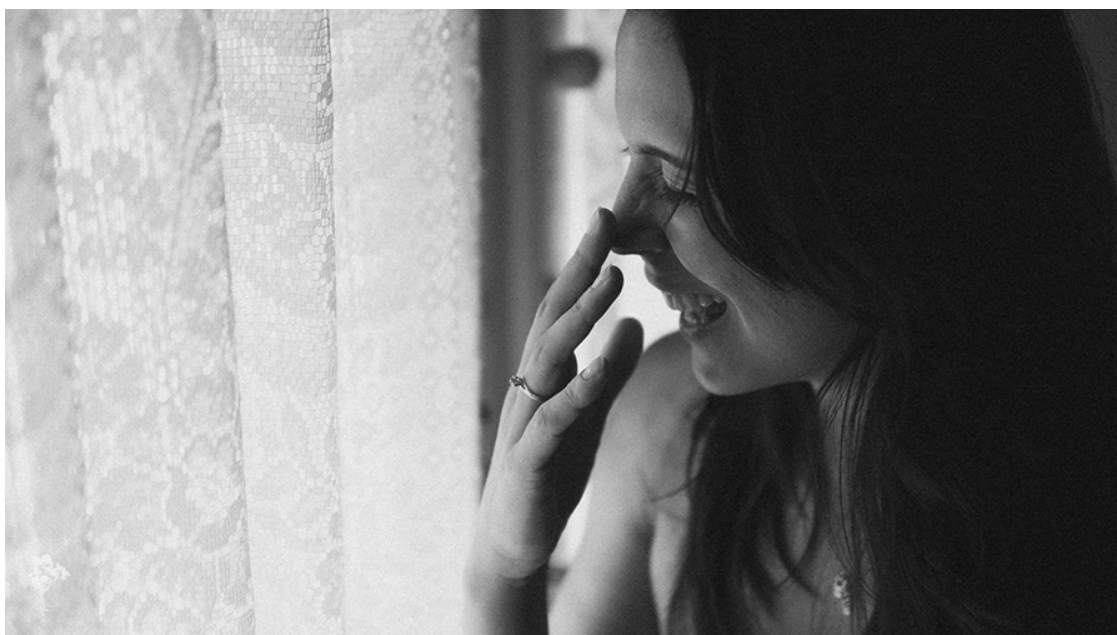
programação, assentimento, manipulação e ajustamento. Resume-se que a *programação* é fundada na regularidade, quando ações e comportamentos são constantes, por causalidade ou por coerções sociais, caracterizando-se pela rotina; o *assentimento* refere-se a interações que se dão pelo acaso; a *manipulação* baseia-se na intencionalidade; e o *ajustamento* é um regime entre iguais e ocorre em função da sensibilidade, independente de intencionalidades.

RESULTADOS PARCIAIS

Ao longo desta pesquisa, que deu origem a um trabalho de conclusão de curso defendido em junho de 2015, percebe-se que o Ensaio Mulher é realizado a partir de interações do regime “ajustamento” e pode ser visto como um contradispositivo, retirando o corpo de uma hiper-realidade de *glamour* e fetiche e restituindo à mulher fotografada a autonomia sobre seu corpo. O caráter “personalizado” do projeto, o corpo “verdadeiro” visto nas imagens e a liberdade transmitida no resultado final foram diferenciais para a busca pelo serviço, pois o objetivo era registrar algum momento significativo da vida, do qual gostariam de ter recordações.

As entrevistadas reconhecem no Ensaio Mulher a capacidade de melhorar a autoestima e de estimular o autoconhecimento. Além disso, percebem sua importância social, pela possibilidade de modificar a relação de outras mulheres com o próprio corpo e de romper ideias de “padrões de beleza” à medida que mostra características de cada mulher, retratando a diversidade.

Figura 1: Josi Braga fotografada por Claudia Regina.



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DEL PRIORE, M. Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. 108p.

ECO, U. (Org.) História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2010. 438p.

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. Galáxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/19609/14586>>. Acesso em: 25 de março de 2015.

MICHAUD, Y. O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. pp. 541 – 565.

SANTAELLA, L. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004. 161p.